

O silêncio na sala: sobre o declínio da comunicação na vivência conjugal

Ciro Marcondes Filho¹

RESUMO

A comunicação humana não ocorre como normalmente se imagina. Seres humanos utilizam-se muito mais de recursos plásticos de expressão (o jeito de olhar, a entonação, o corpo) do que das palavras, que, de certa forma, não dizem muita coisa. Na vida em comum dos casais, por exemplo, criam-se processos patogênicos que inviabilizam a comunicação, pois o principal da disputa não são os temas, os assuntos, as opiniões, mas algo que está além da comunicação formal e além do discurso, que está no plano da metacomunicação de suas próprias relações, de seus padrões, em suma, do poder que, mascarado de contenda de pontos de vista, situa-se no cerne da disputa.

Palavras-chave: Patologias da comunicação; comunicação não-verbal; esquizofrenia e comunicação; metacomunicação.

ABSTRACT

The human communication does not happen in the way everyone figures it out. Human beings utilize frequently more plastic resources of expression (the way one looks, the tone modulation, the body) than words, that do not say much anyway. In ordinary life of couples for instance pathogenic processes are created and make impossible the communication, for the main altercation is not about themes, matters, opinions but about something that is beyond the formal communication and beyond the discourses and is rather at the level of metacommunication of their own relations, their

1 Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

own patters, in short, at the level of the power that disguised as dispute on opinions is placed in the core of the conflict.

Keywords: *Communication pathologies; non-verbal communication; communication and schizophrenia; metacommunication.*

1**A comunicação não são nossas falas,
são nossos gestos**

Os homens entendem-se, comunicam-se. Mas esse não é um processo tão simples quanto parece. Os mais ingênuos e muitos lingüistas acreditam que para haver a comunicação basta a transmissão de A para B de uma mensagem, por meio de um código, através de um canal. E que se trata de B decodificar o que A emitiu e incorporar internamente essa mensagem por meio do processo dialógico. Essa corrente prende-se ao lado puramente formal da comunicação e da linguagem, toma seres humanos como meros sistemas técnicos que emitem, recebem e voltam a emitir. Gregory Bateson, biólogo, especialista em história natural, mas também antropólogo, teórico da comunicação, da psiquiatria e da cibernética, e fundador da “faculdade invisível” nos Estados Unidos na década de 1950, fala, em oposição a isso, de um processo comunicacional muito mais amplo e menos óbvio. Ele não se deixa iludir pela aparência de comunicação em situações em que ela quase não ocorre. Para ele, a fala, o discurso expresso, o texto não significam muita coisa. Nós, como os demais mamíferos, somos seres que se comunicam antes por gestos, por posturas corporais, por formas não-verbais. É esse o lado que os animais entendem de nós e que nós entendemos deles. Precisamos aprender com os mamíferos o que é, de fato, comunicação.

A comunicação, assim, para Bateson, é um processo mais amplo porque envolve diferentes planos e diferentes modulações. O mais elementar é o plano da linguagem verbal indicativa: “Este é um gato”, “O gato está no capacho” etc., que John Austin chamava de declaração constativa. Mas esse plano precisa ser “checado” por outros planos que acompanham a fala para ser efetivamente compreendido. Quer dizer, não basta saber que a coisa é dita, é preciso ver *como* ela é dita, se é como informação, advertência, ironia, gozação etc. Esses outros planos da linguagem, acima do plano meramente denotativo, são formas conotativas que podem estar dentro da linguagem (ironias, metáforas etc.) ou fora dela (expressões corporais, faciais, inflexões etc.). Os esquizofrênicos perde-

ram a capacidade de conexão com o plano conotativo, ligam-se apenas ao expresso e por isso são incapazes de perceber adequadamente as mensagens das situações que vivem.

Isso faz com que Bateson diga que a comunicação humana é antes de mais nada um tipo de jogo, mais do que um processo uniforme e lógico. As pessoas têm de saber associar a coerência de uma frase dita a determinada situação, à maneira como ela é falada, às intenções claras ou escondidas do falante para poder se posicionar. Todo esse jogo constitui o enigma da comunicação, a operação simultânea com múltiplas ambigüidades e interpretações que ela encerra.

Estamos, portanto, diante de um *processo caótico*, termo que Bateson não utiliza mas que se adapta claramente à maneira como ele vê esse jogo social, em que os atores dão lances criando situações e outros respondem, mas cujo desenrolar é imprevisível por força da própria inconstância da ação dos participantes e de suas expressões verbais e não-verbais. Diz Bateson que um grande número de pessoas tem, por isso, dificuldade em operar com os diferentes níveis comunicacionais. Uma resposta atravessada é antes uma agressão ao outro e não está associada ao sentido da mensagem. Por exemplo, se um colega de trabalho pergunta ao outro: “Como você conseguiu ir para casa ontem, em pleno horário de expediente?” e o outro responde: “De carro, ora!”, a resposta foi usada antes como uma farpa à pergunta atrevida do colega.

Naturalmente, as pessoas sempre podem dizer: “Não entendi, o que você quer dizer com isso?”, “Foi isso mesmo que eu entendi?”, para melhor mapear essa operação com diferentes tipos lógicos que constitui uma única mensagem comunicacional. Mas a sensação é sempre de uma certa nebulosidade, exatamente porque as falas jamais são diretas e suficientes. Segundo Bateson, exatamente por esse motivo, confiamos mais nos meios não-verbais de postura, gestos, expressões faciais, entonação e contexto para comunicar níveis acima do meramente denotativo.

Somente seres humanos são capazes da linguagem denotativa. Animais usam-se da linguagem não-verbal, entendem entonações e são ca-

pazes até mesmo de certa metacomunicação. Nas pesquisas realizadas por Bateson no Zoológico Fleischhacker, em San Francisco, ele constatou que macacos também podiam representar, quer dizer, engajar-se em seqüências interativas cuja unidade de ações era similar mas não a mesma que a de um combate; ou seja, a troca de sinais que eles emitiam carregava a mensagem “Isto é uma representação”. A frase “Isto é uma representação” (assim como “Isto é um jogo”, “Isto é uma brincadeira”) é uma declaração negativa, diz Bateson, que contém uma metadecaração implicitamente negativa, ou “O que estamos fazendo não remete àquilo que isso supõe remeter”. A mordida que um macaco dá no outro, como representação, denota cravar os dentes no outro, mas ela não denota aquilo que seria denotado pelo ato de morder. Há aqui dois níveis de abstração utilizando-se do mesmo termo “denotar”.

Também a ameaça é uma espécie de representação, diz Bateson, pois o punho cerrado não é o mesmo que dar um soco no outro, mas sugere um possível soco futuro. Além disso, há os fenômenos de histrionismo, quer dizer, a risada artificial, a simulação de amizade, as trapaças com o outro, como também há, não raro, aquelas falsificações que ocorrem inclusive no plano do inconsciente, quando, por exemplo, o desprezo se reveste da timidez, diz Bateson.

Todos esses esquemas – a representação, a ameaça, o histrionismo – constituiriam modos de distanciamento da denotação em relação à coisa denotada, ou, na linguagem de Korzybski, entre o mapa e o território.

As formas lingüísticas não-verbais estão diretamente associadas ao processo primário, isto é, aos mecanismos inconscientes. Em nossos gestos, em nossa entonação, na expressão de nosso olhar, de nosso rosto, o inconsciente mostra-se plenamente. Não escondemos nada. São essas nossas manifestações lingüísticas mais arcaicas, e por meio delas sente-se a ingenuidade, a simplicidade dos animais, característica que desapareceu no homem.

Nos *Metálogos*, as conversas que Bateson desenvolve imaginariamente com sua filha, ele refuta a idéia de que a linguagem é constituída de palavras, dizendo, ao contrário, que ela é em primeiro lugar um sistema

de gestos. A linguagem dos gestos é muito mais expressiva, mais rica que a linguagem falada e nela confiamos mais; **muitas vezes, parar de falar diz muito mais do que continuar falando.** É porque no processo humano da comunicação, diz Bateson, captamos primeiro a conotação (*como* a coisa é dita) e só depois a denotação (a própria coisa). Por exemplo,

se A fala para B, “O avião está marcado para levantar voo às 6h30”, B raramente aceita essa informação como apenas uma declaração de um fato sobre o avião. Mais freqüentemente, ele devota alguns neurônios à questão “O que indica o fato de A estar me dizendo isso para meu relacionamento com A”? (Bateson 1972: 367).

Nosso ancestral mamífero está muito próximo da superfície, complementa Bateson, a despeito dos hábitos lingüísticos recentemente adquiridos.

A maioria das nossas comunicações, assim, realizamos tal qual os demais mamíferos, por sinais cinéticos e paralingüísticos: movimento do corpo, tensões involuntárias de músculos voluntários, mudança da expressão facial, hesitações, mudanças no tempo da fala ou no movimento, sobretons da voz e irregularidades da respiração. Por isso temos dificuldade com os cegos, pois estes não nos transmitem as mensagens que nos deixam assegurados em um diálogo por meio do movimento dos olhos. Por isso, também, se dissermos a uma jovem: “Eu te amo”, ela dará mais atenção ao componente cinético e paralingüístico do que à frase propriamente dita, diz Bateson.

Gregory Bateson não aposta na linguagem dos gestos e das expressões apenas por ser nossa herança comunicacional mais arcaica. Ele vê nisso, também, um sinal de que *estamos vivos*. As coisas vivas são dotadas de imprevisibilidade, diz ele no *Metálogo* nº 5. O sonho do lógico, comenta ele criticando Bertrand Russell, de os homens poderem um dia se comunicar somente por sinais digitais não ambíguos, não se realizou e provavelmente nunca se realizará. É que a imprevisibilidade das coisas vivas inviabiliza qualquer tentativa de decodificação. Perguntar a Isadora Duncan o que significa sua dança seria negar a própria dança, porque ela não tem que significar nada, ela simplesmente *é*.

O verbal e o não-verbal, o denotativo e o conotativo são chamados também, por Bateson, **de digital e analógico**. **A fala digital é uma forma ritualizada de comunicação, não há nenhuma troca de informação**; a maioria das conversas, diz Bateson, é apenas sobre se as pessoas estão irritadas ou coisa assim, elas ocupam-se contando às outras que são pacíficas, o que é muitas vezes mentira, complementa.

Da mesma forma como a dança nada significa, que ela simplesmente é, e da mesma forma como a comunicação pelos gestos é “coisa viva”, imprevisível, acontecimento que não comporta uma explicação unívoca, tal é também o caso dos sonhos, que, para Bateson, permitem igualmente estudar o ser vivo. O sonho não pode ser traduzido, não prediz futuro e está suspenso no tempo. Tal qual o mito e a arte, é mera expressão de nossos relacionamentos. Não são, como pretendia Freud, e como já advertiu também Ludwig Klages, primariamente sexuais. Eles equivalem ao gesto, ao comportamento, à comunicação: não possuem oposto, não comportam o “não”, são relações que não remetem a um conteúdo.

2

A armadilha do relacionamento cria patologias

As investigações de Gregory Bateson no campo da psiquiatria sugeriram que a esquizofrenia seria uma doença de natureza social, quer dizer, ela é a impossibilidade de identificar sinais metacomunicacionais. Os esquizofrênicos não têm “fraqueza do ego”, como se costumava dizer, o que eles têm é um distúrbio na identificação e na interpretação dos sinais que indicam à pessoa que tipo de mensagem está sendo usada. Se ele vai à cantina do hospital e a atendente lhe pergunta: “O que eu posso fazer por você?”, ele fica totalmente confuso sem poder efetivamente identificar o que ela quis dizer com isso. Há, portanto, uma incapacidade de situar a mensagem dentro de seu contexto ou de jogar com outros cenários nos quais a mensagem poderia adquirir significado. Pelo fato de eles permanecerem no plano literal da frase (a denotação, o digital), o jogo com os tipos lógicos torna-se inviável.

Esse distúrbio tem origem num trauma anterior, ocasionado por uma situação comunicacional sem saída nas relações remotas do paciente com os parentes imediatos; o trauma, segundo Bateson, propaga nele uma síndrome específica nos sinais identificadores da mensagem, sinais esses que deveriam ajudar o ego a separar fatos de fantasias, formas literais de metáforas. Trata-se da *double bind*, a “armadilha do relacionamento”: uma situação da qual a pessoa jamais pode sair vitoriosa.

O modelo é simples: há duas pessoas, das quais uma é a virtual “vítima”, e a outra pode ser a mãe, o pai ou outra pessoa de referência. A experiência é sempre recorrente; por exemplo, a pessoa de referência diz: “Se você fizer isso, vai apanhar!”. O fato de bater na criança pode significar, no caso, supressão do amor e expressão de ódio ou raiva. Daí ocorre uma segunda situação, contraditória, que significa “Não entenda isso como um castigo” e que entra em conflito com a primeira num nível mais abstrato e é, da mesma forma, reforçada pela punição ou por sinais que ameaçam a sobrevivência da criança. Esta segunda forma é mais complexa, não é verbalizada e constitui-se de posturas, gestos, tons de voz, ações específicas, que, quando verbalizadas, não significam punição. Há notoriamente um conflito nas duas situações. Isso ainda não cria um quadro angustiante de desespero na criança. Mas a ocorrência de uma terceira forma, negativa, que irá proibi-la de sair do círculo traumático, gera a patologia. É que a criança não poderá denunciar as manobras metacomunicativas da pessoa de referência, ela não pode denunciar a contradição.

Bateson compara a *double bind* com o processo de iluminação no budismo. Aqui, um dos caminhos que usa o mestre para levar o aluno à iluminação é segurar uma vareta sobre a cabeça dele e dizer: “Se você disser que esta vareta é real, eu lhe baterei com ela. Se você disser que ela não é real, eu lhe baterei com ela. Se você não disser nada, eu lhe baterei com ela”. Portanto, não há saída. Tal é a situação do esquizofrênico, só que neste caso ele não chega à iluminação mas à desorientação, diz Bateson. O aluno pode apanhar a vareta e atirá-la longe, mas o esquizofrênico não pode fazê-lo.

Na *double bind*, o paciente encontra-se numa situação extrema: para ele é vital poder discriminar precisamente que tipo de mensagem está sendo emitida para que possa responder apropriadamente. Mas a pessoa de referência emite duas mensagens contraditórias, e a vítima não pode comentá-las para saber qual das duas vale. Bateson cita o exemplo de uma mãe que está incomodada com a criança e em vez de dizer: “Saia da minha frente, não quero mais vê-la!”, diz: “Vá para cama, querido, você está cansado”. Essa última declaração, claramente afetiva, encobre o sentimento real intolerante, contido nas expressões, nos gestos e na postura metacomunicacional da mãe. A criança percebe as duas coisas, mas se leva às últimas conseqüências, então tem de reconhecer que a mãe não a quer e a está trapaceando. Logo, a identificação correta do comportamento da mãe é, para ela, um castigo. O que ela vai fazer, então, é evitá-lo, aceitando que “está cansada” e descartando que esteja decepcionada com a mãe. Assim, para sobreviver com a mãe, ela tem de interpretar sempre de forma errada as suas próprias mensagens internas, assim como as dos outros. Punida por discriminar de forma correta aquilo que a mãe está expressando e punida por discriminar de forma incorreta, ela é capturada na dupla cilada.

O quadro patológico da esquizofrenia incorpora também outros comportamentos lingüísticos que confirmam a natureza social da doença. Normalmente, o esquizofrênico elimina em suas falas qualquer referência ao relacionamento entre ele e a pessoa à qual está se dirigindo. Ele evita o uso da primeira e da segunda pessoa do singular, evita dizer que tipo de mensagem está transmitindo, se ela é literal ou metafórica, irônica ou direta, e é provável que tenha dificuldades com todas as mensagens ou atos de significação que implicariam contato íntimo com o outro. Bateson relata que certa vez precisou despedir-se do paciente, dizendo que iria embora, e este respondeu-lhe: “O avião voa de forma terrivelmente lenta”. Essa seria sua forma de dizer: “Vou sentir sua falta”. A estratégia é impedir ao outro a interpretação do que vai no seu íntimo; ele não quer que o que ele diz seja visto como uma metáfora, um código especial, e por isso distorce a informação, chegando a suprimir qualquer menção a tempo e espaço.

Ao que tudo indica, o condicionamento à esquizofrenia é um ato coletivo, que envolve, além do paciente, a mãe, o pai e eventualmente outros membros da família. Aqui também Bateson refuta, a seu modo, as interpretações do processo mental como fechado, autopoiético e meramente auto-referencial. Para ele, a família não só constrói a patologia bem como acomoda-se perfeitamente a ela. Bateson nos relata uma visita feita por ele à mãe de um paciente, e que ele, em meio à visita, tem que se afastar por um momento para retornar mais tarde. Na rua, pensa em comunicar simbolicamente a ela, algo que fosse “bonito mas não ordenado”. Compra-lhe flores. Ao recebê-las, ela lhe diz que não eram desordenadas, que se poderia podá-las... Bateson sentiu nisso uma atitude castradora da senhora, mas, mais do que isso, uma interpretação de seu ato como se ele pedisse desculpas, fato totalmente infundado. Nesse momento ele identificou um padrão: *ela pega minha mensagem e a re-classifica*. Sem dúvida, a mãe sempre havia procedido assim, capturando a mensagem do filho e respondendo a ela como se fosse uma fraqueza do interlocutor ou um ataque a ela. Isso deve ter gerado no paciente, a vida toda, o problema da falsa interpretação de suas mensagens.

Numa outra cena, um jovem esquizofrênico é visitado por sua mãe no hospital, fica feliz em vê-la e põe impulsivamente os braços em seu ombro. Mas a mãe enrijece, o que faz com que o jovem retire o braço. Daí ela pergunta, numa cena genuinamente de *double bind*: “Você não me ama mais?” e isso o faz ruborizar-se. E ela continua: “Querido, não precisa ficar sem graça tão facilmente, nem ter medo de seus sentimentos”. O paciente só conseguiu permanecer com ela alguns minutos, e após sua partida ele agrediu um funcionário e teve de ser levado. Para Bateson, tudo poderia ter sido evitado se ele conseguisse falar à mãe que ela estava incomodada com o braço dele em seus ombros e que ela tem dificuldade em aceitar seus gestos afetivos. Mas isso lhe é impossível: a dependência e o adestramento dele à *double bind* são muito intensos; ele não pode comentar o comportamento dela, se bem que ela comente o dele e o force a aceitar sua interpretação.

Mães de esquizofrênicos desqualificam sucessivamente as contribuições do outro – ou do pai – ao relacionamento. Elas dizem que as

mensagens do outro não são válidas; que o que a pessoa disse não era o que ela efetivamente queria dizer. No paciente, isso provoca desamparo, desespero, raiva, mas a mãe o vive de forma absolutamente tranqüila. Consta-se, assim, que os distúrbios na comunicação familiar são gerados por comportamentos irracionais de pessoas em posição superior, que geram um quadro no qual a criança deverá se adaptar sob pena de perder sua capacidade comunicativa ou relacional. Mais do que um fenômeno isolado ou singular, a esquizofrenia mostra-se efetivamente como uma loucura a dois (*folie à deux*), pois um sozinho não constrói essa armadilha. Mais do que isso, como veremos a seguir, em Paul Watzlawick, a família reforça e depende dessa estrutura patológica para sua própria sobrevivência.

3

A comunicação humana na prática

Com as descobertas de Gregory Bateson desenvolveu-se nos Estados Unidos um campo de pesquisa da pragmática da comunicação humana que se utilizou de modelos matemáticos para análise, tratamento e interferência no comportamento das pessoas. Paul Watzlawick, J. H. Beavin e Don Jackson, por exemplo, adotaram uma matriz teórica, segundo a qual todos os comportamentos sociais e, portanto, as práticas comunicacionais no interior desses relacionamentos, são “jogos”, quer dizer, seqüências de comportamentos governados por regras e marcados pelo que eles chamam de *relações e padrões de relações*. Seres humanos, segundo essa escola, são repetitivos e viciosos, da mesma forma como os sistemas técnicos. Mas não são sistemas fechados, como pretende a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, a autopoiese de Humberto Maturana ou a cibernética de segunda ordem de Heinz von Foerster. Os sistemas sociais são, como dizem Watzlawick e seus colaboradores pragmáticos da comunicação, sistemas abertos. Literalmente, segundo eles, seria impossível, na moderna biologia, estudar qualquer organismo, ainda o mais primitivo, isolando-o artificialmente do meio. As patologias – ainda de acordo com eles – não são um problema exclusivo do doente, é o con-

texto que as cria numa espécie daquilo que vimos anteriormente como “loucura a dois” (ou a três, ou a quatro).

A mãe do esquizofrênico captura as mensagens do filho e as reclassifica, desautorizando-o a emitir seus próprios juízos e fechando-o numa armadilha sem saída. Ela diz que o que ele efetivamente disse não era o que pretendia dizer, impondo sua versão e castrando o filho, que é dependente patologicamente de seu afeto. Foram Lasègue e Falret que chamaram a isso de *loucura a dois*. Trata-se de um contrato tácito que vincula duas pessoas, o “doente” e o “são”, num cenário irracional. Por isso, dizem eles, o problema consiste em não examinar apenas a influência do insano na pessoa supostamente normal, mas também o oposto, a influência do indivíduo racional sobre o esquizofrênico, e mostrar, dizem eles, por meio de compromissos mútuos, que as diferenças entre eles são eliminadas.

As principais teses dos pragmáticos são as seguintes: 1) a comunicação é comportamento, e o comportamento é comunicação; eles não têm oposto: é impossível não se comportar como é impossível não se comunicar; 2) só existem relações e padrões de relações; estas constituem a essência da experiência humana; 3) comunicação é conflito, envolve um problema de interação; 4) a pontuação organiza os eventos comunicacionais e sua circularidade; 5) a retroalimentação permite que os componentes acomodem-se na patologia.

“Não dá para não comunicar” – este mote, que bate frontalmente contra a tese de Heinz von Foerster, “É impossível comunicar”, baseia-se no fato de que todo comportamento, e não somente a fala humana, é comunicação. Falar ou ficar em silêncio, dirigir-se ao outro ou fechar-se em seu pequeno mundo são todas formas de comunicar algo. Da mesma maneira, os autores negam que a comunicação só ocorra quando houver intenção, quando for consciente ou bem-sucedida.

A afirmação de que sempre nos comunicamos está vinculada à interpretação do corpo como linguagem, isto é, ao fato de que o inconsciente revela-se sempre, queiramos ou não. A psicanálise clássica baseava-se na linguagem do corpo para capturar processos psíquicos

internos, de difícil acesso à consciência. Já que o ego, estrutura consciente e censora, inviabiliza racionalmente o ingresso do analista e do paciente às estruturas subterrâneas, que, não obstante aparecem nos sonhos, nos atos falhos e nos chistes, cabe ao médico ir em busca dessas pistas por meio do comportamento do paciente. E, como comportamento é comunicação, a maneira como o corpo se coloca, a posição do tronco, dos braços, das pernas, as expressões, a postura, a entonação, o olhar, o sorriso, as mãos, tudo isso trai o paciente, denunciando, trazendo à luz seu inconsciente. Por isso “o corpo fala”, como dizem os manuais populares de psicologia. Isso não significa, contudo, que se aceite, como disseram os autores citados, que pode haver comunicação sem intenções, pois, mesmo negando que se queira comunicar, do ponto de vista do inconsciente, há intenções, mesmo na postura, no silêncio e no não-comunicar.

O corpo está sempre comunicando, dizem esses autores. Talvez mais correto seria dizer que o corpo está sempre emitindo sinais, já que, segundo a forma de definir a comunicação adotada pela Nova Teoria da Comunicação, o ato de comunicar pressupõe a troca mais densa, com resultados novos entre os comunicantes e uma real interpenetração de consciências. Mas, de qualquer forma, há essa emissão de sinais, que são *formas analógicas*, no sentido que Bateson lhe confere. As formas analógicas referem-se ao processo primário do psiquismo, quer dizer, ao inconsciente e suas manifestações. Já as formas digitais têm que ver com os processos secundários, a elaboração lingüística e verbal da comunicação. Os autores concordam com Bateson que a comunicação analógica está nas origens da evolução e possui muito mais validade que a comunicação digital dos discursos, das frases, da pura denotação.

Os seguidores de Gregory Bateson acreditam que o modelo de *double bind* proposto por ele não se aplica apenas à patologia, isto é, não é algo que se encontre somente nos casos clínicos de esquizofrenia, mas manifesta-se como padrão predominante na comunicação humana. Watzlawick e os demais pretendem, assim, generalizar o conceito, passar da esquizofrenia como “doença misteriosa da mente do indivíduo” para esquizofrenia como *padrão específico de comunicação*. Para eles, os rela-

cionamentos são fontes da patologia; tratar a esquizofrenia como patologia individual ou, quando muito, como patologia de duas pessoas, como se fazia no passado, não funciona mais. Diagnósticos que a vinculavam a depressão, auto-agressividade, sadomasoquismo, em verdade nunca puderam capturar a natureza *interdependente* do problema. O dilema, dizem eles, pode estar à margem da estrutura de personalidade e ser uma manifestação que só tenha que ver com o jogo das relações entre as pessoas. É o caso das pessoas que, separadamente, fora de seus lares, parecem estar perfeitamente ajustadas, mas quando postas em contato com seus familiares manifestam a crise em toda sua plenitude. Assim, a esquizofrenia não pode ser vista como peça isolada, não pode ser separada em laboratório; ela só aparece no jogo de relações.

Quando seres humanos emitem apenas uma mensagem, temos uma “unidade comunicacional isolada”; mas uma série delas encadeada constitui uma *interação*. Num nível mais complexo, temos *padrões de interação*, constitutivos de uma unidade de comunicação de nível ainda superior. O conteúdo de uma comunicação é chamado por esses autores de *relato*. A forma como os relatos são considerados constituem o que eles denominam de *ordem*. Por exemplo, se eu pretendo fazer uma operação matemática, eu tenho de passar o relato à minha máquina, isto é, dizer os números, digamos, 5 e 3, e, depois, dizer-lhe – dar-lhe a ordem – “multiplique-os!”.

No caso das comunicações humanas, quando o instrutor de auto-escola diz: “É importante soltar a embreagem gradual e suavemente”, e quando ele diz: “Se você soltar a embreagem de um só golpe, a transmissão vai pifar na hora”, trata-se do mesmo relato, a mensagem em si é a mesma. Contudo, a forma como a mensagem é passada, quer dizer, a operação que eu faço com essa *ordem* para chegar a um resultado – em outras palavras, a relação que cada um desses enunciados cria com a pessoa que o recebe – é diferente em cada caso. Numa passou-se delicadeza; noutra, agressividade. As relações quase nunca são explícitas ou mesmo conscientes. Tome-se o exemplo do conflito gerado no casal em que o marido convida um amigo para ficar em casa e não o comunica previamente à esposa, supondo que esta também o aceitaria.

Na terapia, ambos acabam concordando que o convite estava correto, que havia sintonia no que se referia ao conteúdo, mas não no que dizia respeito à relação, ou seja, sobre quem tinha o direito de convidar sem consultar o outro. O dilema, portanto, está fora do tema propriamente dito, está em outro lugar, na atitude sem consulta, na mágoa, na auto-estima ferida.

Outro exemplo de Watzlawick e colegas é o do marido que mantinha constantes disputas com a mulher a respeito de quem estava certo a respeito de algum assunto de conteúdo trivial. Um dia, relatam os autores, a mulher conseguiu provar-lhe concludentemente que ele estava equivocado em relação aos fatos, e o marido reconheceu: “Bom, você pode ter razão, mas está errada *porque está discutindo comigo*”. A discordância aqui, como no caso anterior, ocorre no nível metacomunicacional, na relação; qualquer solução no plano dos conteúdos será um “pseudo-acordo”, como afirmam os teóricos, pois nesse plano não há conflito.

Fora do ambiente familiar constata-se que a forma paradigmática desse conflito o faz ressurgir em outras relações, por exemplo, na concorrência entre profissionais. Os autores citam a afirmação: “O urânio tem 92 elétrons”, que, ao ser eventualmente questionado numa disputa entre dois pesquisadores, pode ser facilmente resolvido consultando-se um compêndio de química. Tal verificação comprovará que um dos dois estava irremediavelmente equivocado. Resolvido o problema no plano do conteúdo, o lado perdedor pode recorrer à extensão do conflito, agora no nível da relação: ele pode dizer que admira o outro por seus conhecimentos superiores ou ressentir a sua superioridade, mas vai resolver “tirar a coisa a limpo” na próxima ocasião possível, a fim de “restabelecer a igualdade”. Mas também pode mandar a lógica para o diabo, dizem os autores, e afirmar que 92 foi um erro de imprensa ou que um cientista seu amigo acabou de provar que o número de elétrons é realmente insignificante.

Afirmam os autores que uma relação será tanto mais saudável e espontânea quanto mais esse aspecto “relacional” ficar em segundo plano. Ao contrário, relações neuróticas batem-se pela natureza das relações, ficando o conteúdo em segundo plano. Essa é talvez uma das contribui-

ções mais importantes desse grupo de pragmáticos da comunicação para o entendimento do próprio processo da comunicação humana, processo esse que tem criado tantos mal-entendidos e equívocos, pois, efetivamente, na troca das comunicações, o conteúdo propriamente dito é o que menos pesa, incidindo antes nas relações entre comunicantes, em seu aspecto formal – que, em verdade, vincula-se ao plano irracional dos traumas, dos conflitos, das barreiras emocionais instaladas –, a inviabilidade de duas pessoas se entenderem, compreenderem os pontos de vista um do outro e chegarem a uma troca dialógica com um enriquecimento mútuo a partir dessa troca. Para a Nova Teoria da Comunicação, os processos comunicacionais, tanto interpessoais como coletivos e “de massa”, só consideram as mensagens efetivamente comunicadas uma vez “filtradas” pelas relações – a saber, uma vez considerados aspectos relacionais: “como eu as recebo”, “que destino dou a elas”, “qual é a respeitabilidade daquele que a emite” etc.

O aspecto relacional, a comunicação sobre a comunicação, a metacomunicação, é o mesmo que destacou Gregory Bateson em seus estudos sobre denotação e conotação, analógico e digital. Além disso, outro conceito que os autores sublinham na pragmática das comunicações humanas é o de *pontuação*, quer dizer, o encadeamento de ações comunicacionais, de forma que a ação de A gere uma reação de B, que provoca uma nova reação de A e uma nova resposta de B, e assim sucessivamente. Dizem os autores que as incontáveis lutas em torno das relações referem-se, de fato, à discordância sobre como pontuar a seqüência de eventos, ou, em outras palavras, “quem começou primeiro”.

Quem começou primeiro é uma questão difícil de ser respondida, principalmente pelo modelo adotado pelos autores, que é circular, ou seja, em princípio, não há origem em nada. Inúmeros conflitos – não só pessoais, mas também internacionais – em torno das “relações” têm que ver com a discordância sobre como pontuar a seqüência de eventos. Os autores citam o exemplo de dois amigos, em que acontece uma interpretação equivocada de um acontecimento pelo fato de que apenas um deles tinha a informação necessária: A propõe a B um empreendimento conjunto; B aceita, mas sua carta-resposta é extraviada. A pensa que B

ignorou o convite e resolve desprezá-lo. B, que enviou a carta, ofende-se por se sentir ignorado e também rompe, decidindo não voltar a ter contatos com A.

Nos conflitos de casais, dizem os autores, geralmente um dos cônjuges mostra-se impressionado com a “distorção da realidade” produzida pelo outro. Eles constatam que “é muitas vezes difícil acreditar que os dois indivíduos pudessem ter opiniões tão divergentes sobre tantos elementos de uma experiência conjunta” (Watzlawick et alii 1981: 53). O problema, para eles, está na incapacidade de ambos metacomunicarem sobre seus respectivos padrões de interação. Niklas Luhmann fala igualmente que a linguagem não consegue resolver os conflitos conjugais, pois ela tem expressões prontas que inviabilizam a reconstrução de um diálogo.

Em nenhum dos casos, portanto, questiona-se a validade dos conteúdos apresentados, que, como demonstração racional, acaba sendo aceita pelos contedores. **O cerne das discussões, possivelmente de todas as discussões, está no plano das relações onde se definem, clara ou tacitamente, a nosso ver, posições de poder.** Watzlawick e seus colegas não chegam até aí, mas é notório que nessa altura a discussão da comunicação, da esquizofrenia e de todas as relações sociais são derivações dessa pulsão original. Nietzsche propõe, de forma contundente, que na base de todas as relações humanas e mesmo no âmago do instinto de conservação da espécie está a vontade de poder. O mundo “visto por dentro”, diz ele, o mundo caracterizado e determinado em seu caráter inteligível, não é outra coisa senão pura e simplesmente vontade de poder. **Onde há “coisa viva”, diz ele, há a vontade de poder.** Seja no sacrifício, seja nos serviços prestados, seja nos olhares amorosos, até mesmo nos traços de decadência, até mesmo lá a vida sacrifica-se pela vontade de poder. Pode-se tirar tudo, diz Nietzsche parafraseando Martinho Lutero, o corpo, os bens, a honra, os filhos, a mulher, pode-se deixar tudo isso ir embora, mas o “reino”, esse tem de ficar com a gente! É esse plano – o das relações de poder, diríamos nós, complementando Nietzsche – que detém a posição dominante e que, em última análise, valida a comunicação.

4

Conflitos conjugais e o fim da comunicação

As interações entre casais podem se basear na igualdade ou na diferença. Relações baseadas na igualdade são chamadas de *simétricas*. Nesse caso, os comportamentos das pessoas são concordantes, cada um reflete o outro e reflete-se no outro; há uma tendência à congruência de comportamentos e à redução das diferenças. Os dois membros de um casal tornam-se como que “iguais”. Já nas relações baseadas na diferença, nas relações *complementares*, há antes disparidade, as pessoas são bastante distintas e um complementa o outro nas coisas que esse outro não tem. Nesta última, segundo os autores, há duas posições, sendo que um parceiro está na posição “de cima”, superior, e outro, na “de baixo”, inferior. Há complementaridade nas relações pai-filho, professor-aluno, médico-paciente. São comportamentos dessemelhantes mas ajustados, que se provocam mutuamente, dizem os autores. Mas essas relações – simétricas e complementares – não são sempre harmoniosas e pacíficas; pode decorrer que o próprio tipo de relação gere anomalias, como a pseudo-simetria, quando a simetria passa a ser forçada por um dos membros do par, e a metacomplementaridade, quando a relação de submissão, nos termos do “tome conta de mim”, é imposto por um dos membros.

Em termos psiquiátricos, ambos, tanto o comportamento simétrico quanto o complementar, podem levar a patologias, como no caso da *escalada da simetria* e da *rigidez na complementaridade*. No primeiro caso, instala-se um componente patológico quando a igualdade dos membros do par cede o lugar a uma situação de rivalidade e concorrência, do tipo “eu sou mais igual que você”, concorrência essa que descamba na guerra aberta e na rejeição do outro. Nessas situações, os esposos, presos a um cotidiano comum marcado pela crescente frustração, pelos ataques e pelas brigas, podem aceitar algumas tréguas periódicas, quando se deparam com a exaustão física ou emocional, até se refazerem para o assalto seguinte. Dizem os autores que, nesse caso, não há a “desconfirmação” do *self* do outro, o outro não é ignorado na qualidade de ser pensante,

como nas situações em que um membro torna-se impermeável ao outro; aqui, ao contrário, o outro – e suas idéias – é simplesmente rejeitado.

Mas a luta pode não ser aberta, como é o caso da rigidez na complementaridade, quando tende a uma patologia do tipo sadomasoquista, daí ocorrendo formas de auto-alienação e despersonalização, especialmente quando colocados numa cena, quer dizer, quando estão juntos na terapia, agindo um como “complemento” do outro. Nesses casos, ocorre desconfirmção e não rejeição das opiniões ou do comportamento do outro. O outro “não existe”, sequer é considerado pelo outro membro. Uma mulher, por exemplo, pode pedir ao marido que confirme sua própria definição de *self*. O marido, de sua própria perspectiva, vê o *self* da mulher diferente da forma como ela o vê, mas muda seu padrão, sua própria definição, para atender ao da esposa. Isso ocorre, porque, no casal, a definição do *self* não é algo individual, ela precisa dos dois lados. Assim, ambos caem numa lógica própria, desconectada do mundo, operando uma complementaridade que só existe em suas cabeças.

Chega-se aí, então, a algo como a “loucura a dois”, da forma como foi exposta no final do item anterior. É o que faz Arthur Koestler classificar a família como “labirinto de tensões”, brigas e reconciliações, marcada por uma lógica contraditória, uma ética vinda da selva e valores e critérios distorcidos. Das recordações não se extraem lições nem orientações para o futuro e após cada crise e reconciliação, tudo recomeça novamente do zero.

A questão da confirmação, rejeição ou desconfirmção do outro não é um capítulo menor na história dos relacionamentos e do travamento nas comunicações entre as pessoas. Dizem os autores que a comunicação só pode existir se houver efetivamente a autoconfirmação, se eu for aceito pelo outro e se o outro for aceito por mim, nos termos de Buber (1957: 101-102), nos quais “uma sociedade só pode ser considerada humana na medida em que seus membros se confirmem reciprocamente”.

Na patologia da escalada simétrica, eu rejeito o outro quando recuso-me a aceitar o que ele está dizendo. Critico, invalido, nego sua razão mas não lhe nego a existência, continuo a reconhecê-lo como interlocutor. A interação consegue se realizar, pois os pontos de vista recíprocos são registrados. Na patologia da complementaridade rígida, há a desconfirma-

ção; a pessoa é ignorada como tal. Se é verdadeiro ou falso o que ela fala, isso não interessa, pois o que ela acha simplesmente “não existe”. A pessoa como que “impermeabiliza-se” em relação à outra, e a relação entre ambas é marcada pela pseudo-harmonia e por pseudo-acordos. Esse é também o comportamento das famílias esquizofrênicas: o pai vê o filho de forma incongruente com a definição que o filho tem de si mesmo, ele não considera ou interpreta mal a mensagem do filho, desconfirma-o, ignora-o. É o que os autores chamam de “nível 1” da impermeabilidade. Russell Lee relata a afirmação de um paciente: “Sempre que eu discordo de minha mãe, ela parece dizer para si mesma: ‘Oh, eu sei que você está dizendo em voz alta, mas sei que não é o que *realmente* você pensa no íntimo’”. Ergue-se aí uma parede no relacionamento. A pessoa está lá, mas é como se não estivesse, é ignorada, negada, excluída e substituída por uma fantasia a respeito dela mesma. O filho, esquizofrênico, tem isso duplamente e chega ao nível 2: ele não registra que sua mensagem não chegou à mãe ou ao pai e tampouco consegue transmitir isso, pois é impermeável à sua própria impermeabilidade.

Mas os autores não dizem que pode haver uma convergência nos dois casos de escalação simétrica e complementaridade rígida, pois, como no caso de casais, uma relação que foi inicialmente simétrica, exatamente por haver tendido para a competitividade, pode levar a uma mudança de qualidade, em que o desequilíbrio acabe conduzindo com o tempo à relação complementar, ao desprezo do outro. As discussões iniciam-se por negar o outro, considerando-se sua argumentação e tentando-se invalidá-la pelos caminhos da racionalidade discursiva, e podem continuar pela crescente negação do outro, haja vista a persistência da “guerra permanente”. O tempo e o desgaste podem, perfeitamente, levar a que uma competitividade de *selves* caminhe para a anulação recíproca, um do *self* do outro. No caso inverso, nada indica que numa relação professor–aluno, o aluno não cresça em autoridade, tornando-se primeiro simétrico ao professor, depois superior a ele. Nas outras situações, mãe–filha, em que a filha torna-se mãe da mãe, médico–paciente etc., a possibilidade é igualmente real.

Isso porque, a nosso ver, os conflitos derivados de relações simétricas ou complementares são problemas antes da comunicação do que da in-

compatibilidade de gênios, como se usa no direito. Em certo momento, sobrevive a harmonia e o apoio mútuo na convivência entre casais, quer a aproximação tenha surgido por força da lógica do “somos iguais”, quer tenha surgido pela lógica do “completamo-nos pelas nossas diferenças”. Isso parece ser uma questão menor, pois o atrito da convivência ocorrerá fatalmente em ambos os casos, buscando o casal administrá-la na medida do possível, garantindo a coesão do núcleo, ou não administrá-la, deixando sua sobrevivência ao sabor das circunstâncias e do futuro.

Na interação simétrica, a crise da comunicação é mais evidente, pois a simetria já inibe, por sua própria natureza, o surgimento do novo na comunicação: “O que eu sinto, você também sente”. Logo, tudo fica “elas por elas”. **Tal fato põe a nu as duas personalidades, que, então, chocam-se pela sua própria competitividade.** A crise instala-se, a nosso ver, quando as contínuas brigas da interação simétrica revelem que, apesar dos acordos periódicos de conjuntura, impõe-se sempre uma fórmula repetitiva na estrutura de fundo, que vai gerar novamente a crise no futuro. A comunicação jamais discute a metacomunicação, o fato de que os acordos jamais vingarão se eles não questionarem o que vai além das palavras, a persistência de um “não-acordo” no plano das subjetividades. Os conteúdos são impotentes diante da relação, como vimos antes. Mas não de qualquer relação, mas da relação de poder, típica dos jogos de concorrência e da exclusão do novo, que se sobrepõe à relação de afeto. No médio prazo, diante do desgaste do jogo, impõe-se o que cada um pressupõe para si mais do que pressupõe para o outro ou para a relação. O endeusamento do outro cede lugar à preservação de si mesmo.

Nas relações complementares, a presença da comunicação deveria ser teoricamente mais promissora, já que a diferença do outro tem muito a dizer para meu cansaço de mim mesmo. Em princípio, essa seria a relação genuinamente comunicacional, pois, se a anterior é uma relação de congruência, em que o índice de novidade e de informação é, por definição, quase nulo no “somos iguais”, esta é uma relação de pouca redundância, na qual o que cada um traz deveria servir para “enriquecer” o outro. Não obstante, a comunicação cala-se também aqui. Se, no caso anterior, eu confirmo meu parceiro (porque é igual a mim, porque é um outro eu

mesmo), neste eu o desconfirmo, ele já não existe, tudo que ele fala transforma-se em minha cabeça no discurso que eu quero ouvir. A preservação de si mesmo se dá ao preço do extermínio psíquico do outro. O outro não existe como realidade, como ser humano real, ele só pode alçar o estatuto de ser vivo sendo negado como tal, não existindo, só existindo em seu lugar a imagem dele idealizada que eu tenho na minha cabeça.

Mas o processo não precisa ser estanque, ele pode ser dinâmico, alternando simetria com complementaridade, conforme o momento e a circunstância. Isso porque nenhum casal é absolutamente simétrico nem absolutamente complementar, há simetrias num plano e complementaridades no outro. O que importa é que em ambos os casos há a persistência na preservação do *self* de cada uma das figuras, mais do que, a longo prazo, da preservação da relação ou do amor ao outro. O amor e a paixão, presentes fortemente no início dos relacionamentos e dinamizador para que os dois decidam viver juntos e compartilhar uma vida em comum no futuro, cede espaço para a convivência diária, em que a familiaridade se instala, os segredos desaparecem e a imagem idealizada de um outro a ser arrebatado é substituída pelo convívio com um outro “abatido”, sem mais o charme de um ser fantasiosamente desejado.

O que havia antes como espaço aberto para todas as conversas, trocas, intercâmbios de idéias, sentimentos e sonhos, vai se tornando, com a vida conjugal, um espaço estreito de diálogo, em que só se discute o meramente necessário. O dilema da convivência está em “ter alguém com quem se possa conversar a vida inteira”, como dizia Nietzsche. Quer dizer: alguém com quem se possa continuar a comunicar, mesmo depois de casados. Ou, se é possível a sobrevivência da comunicação na convivência de casais ou se ela, necessariamente, destrói toda a comunicação possível.

5

A capacidade de mudança e as formas de percepção

Uma questão que incomoda os estudiosos das relações interpessoais no interior de famílias problemáticas é: por que as pessoas não a questio-

nam e preferem, ao contrário, acomodar-se à situação? Watzlawick e seus colegas não discutem, em verdade, o porquê disso permanecer assim, mas antes *como* funciona essa lógica, cujo modelo são os circuitos de retroalimentação. Freud já havia sugerido, a seu tempo, que o psiquismo funcionava segundo a lei da conservação da energia, quer dizer, o comportamento seria primordialmente resultado de um jogo de forças e energias pulsionais. A interferência do meio seria discreta. Gregory Bateson e seus colaboradores invertem a relação, apostam antes na segunda lei da termodinâmica, que trata das relações com o ambiente, da perda de energia e da entropia. Nas referências comentadas do item 2, fala-se da informação como “a diferença que faz diferença” e do fato de que ao chutarmos uma pedra ocorre apenas uma transferência de energia do pé para a pedra, que se deslocará e depois parará. Diferentemente, afirma Bateson, é se o homem chuta um cachorro, que poderá também se deslocar, mas é provável que o morda, como reação. Nesse caso, não há apenas transferência de energia, há troca de informação. A idéia inerente a essa segunda acepção é a de que a informação, se for retroalimentada ao órgão motor, poderá garantir sua estabilidade e sua adaptabilidade à mudança ambiental.

Bateson, Watzlawick e os demais colaboradores propõem um método que refuta ao mesmo tempo o finalismo (os acontecimentos têm uma intenção ou um propósito) e o determinismo clássico (o resultado determina as etapas que culminaram nele), sugerindo, em oposição a eles, o método cibernético, que juntaria os dois no conceito de retroalimentação: se A gera B, B gera C e C gera D, no momento em que D gerar também A teremos um sistema circular de retroalimentação. Uma retroalimentação pode ser positiva ou negativa. A positiva é responsável pelas mudanças no sistema, quer dizer, pela sua perda de equilíbrio, enquanto a negativa caracteriza a homeostase, a estabilidade do sistema. Em ambos os casos, parte do produto de um sistema é reintroduzida no mesmo sistema como “informação”. O sistema se realimenta dela. Essa informação poderá aumentar o desvio do produto em relação ao conjunto de normas, no caso da retroalimentação positiva, ou reduzir esse desvio, na retroalimentação negativa.

Na aplicação desses conceitos para as relações humanas e, em especial, para os casos clínicos de esquizofrenia na família, os autores sugerem que, nesses contextos, a existência de um doente funcionava como essencial para a estabilidade do sistema familiar, sendo difícil introduzir qualquer espécie de mudança em sistemas rigidamente definidos como esse, cujos participantes, dizem eles, preferem suportar aqueles males que têm do que fugir para outros sobre os quais nada sabem. Para tanto, Jackson propôs o conceito de homeostase familiar ao observar que famílias de pacientes demonstravam repercussões drásticas (depressão, acesso psicossomático etc.) quando o paciente melhorava, e sua doença funcionava como mecanismo homeostático para restabelecer seu delicado equilíbrio. O mesmo ocorre com o chamado “casamento compulsório” (ver Fry, apud Don Jackson), no qual duas pessoas vivem distantes e sob uma situação infeliz, mas os sintomas funcionam para manter o casal unido.

Os autores sugerem que todas as famílias que permanecem unidas devem produzir uma retroalimentação negativa para que possam suportar as tensões impostas pelo meio e por seus membros individuais. É o caso de June, uma jovem catatônica que a mãe assistia como a um bebê, e que no momento em que começou a melhorar, em vez de instalar-se a serenidade, ao contrário, foi aí que se iniciou o conflito. Dizem Laing & Esterson (1964: 139-145) que no período de recuperação

quase todos os progressos feitos por June (na opinião das enfermeiras, da assistente social psiquiátrica, dos terapeutas ocupacionais e de nós próprios) eram opostos veementemente pela mãe, para quem eles representavam um retrocesso, enquanto que para June e todos nós significavam passos à frente.

Constatar apenas o funcionamento, como é praxe dos modelos cibernéticos de explicação, é um método que nos informa sobre ocorrências sem se ocupar em pesquisar as causas. Para esses estudiosos, diferentemente de Freud e de sua escola, de nada serve ir a fundo no inconsciente, pois ele não passa de uma caixa preta insondável. Tampouco interessa, como o faz a psicanálise clássica, investigar o passado, os traumas, as ocorrências primeiras que produziram a psicose. O sintoma, para

eles, em vez de resultado de um conflito não resolvido entre essas forças psíquicas é antes uma limitação imposta no jogo interacional. Assim, mesmo sabendo que o padrão foi um dia aprendido, que ele tem uma importância na história de vida do paciente, não cabe desenrolar essa história e acompanhar sua evolução; cabe apenas investigar esse padrão, que, uma vez iniciado, dispensa a pesquisa histórica. Ele constitui um círculo vicioso que se autoperpetua e é sobre essa iteração que incide o método cibernético.

No caso da pontuação, o já mencionado encadeamento de ações comunicacionais, em que a ação de A gera uma reação de B, que provoca uma nova reação de A e uma nova resposta de B, e assim sucessivamente, o círculo de retroalimentação parece se reabastecer a cada novo episódio, inviabilizando a pesquisa do “quem começou?”. Os autores sugerem para esses casos o conceito da *profecia que promove sua própria realização*, quer dizer, um comportamento que provoca nos outros uma reação, da qual esse mesmo comportamento seria a reação adequada. O exemplo é a premissa psicológica do “ninguém gosta de mim”, que faz com que a pessoa se comporte de forma defensiva, agressiva e desconfiada, provocando nos demais uma reação antipática, colaborando com a premissa inicial.

Conhecer o processo nos dispensa de pesquisar as causas e os determinantes, ou, como diz Montaigne, eu não preciso saber a história do vinho para apreciá-lo. Certamente que não, mas a história do vinho me capacitará a conhecê-lo e aos outros, dirá algo sobre a procedência, a geografia, a cultura local e, com isso, me introduzirá mais profundamente no contexto de sua produção. O pragmatismo de uma intervenção num processo, como o controle de uma peça ou de um dispositivo numa linha de produção, garante-me um ajuste, uma mera operação pontual, mas me obscurece, não obstante, a respeito do fenômeno maior. Esse é o drama de todo o pragmatismo, pois o ser, como disse Heidegger, não é “simples presença”, ele está mergulhado numa situação, inserido na “roda do mundo”. Para a física, o vinho não passa de um simples líquido, aí seu “ser” não aparece. Na jarra como no vinho estão presentes também o céu e a terra – essa água que vem da terra, que atravessa as rochas, que recebe do céu a chuva e o orvalho. O vinho, diz Heidegger, é também

bebida do sacrifício, da oferenda, nele deuses e mortais permanecem presentes. O ser do vinho é esse *reunir*, que já não é apenas uma coisa (*Sache*, algo imediato e concreto), mas algo mais (um *Ding*). Como *Ding*, a coisa desdobra seu ser. Jarra e vinho reúnem a um só tempo o céu, a terra, os deuses e os mortais, sendo que cada um dos quatro remete aos demais, ao que ele chamava de *Quadripartido*.

Em termos da teoria da percepção, os autores propõem quatro níveis de percepção que nos ajudarão a visualizar as chances que tem a comunicação de mudar padrões instalados. O primeiro nível é elementar e imediato, trata-se do conhecimento das coisas, a percepção pura e simples dos objetos que nossos sentidos transmitem. Um cão percebe um círculo e uma elipse, mesmo que isso nada diga sobre a coisa percebida. No momento em que se atribui um significado a essas percepções, quando elas deixam de ser meros sinais para me dizerem algo – círculo e elipse indicando ao cão prazer e dor, adquirindo portanto significado para sua sobrevivência –, chegamos ao segundo nível da percepção: o nível das significações. Um nível de terceira ordem surge ao homem quando a soma total de significados, obtidos por meio de contatos com vários objetos singulares do seu meio, proporciona uma visão unificada do mundo do qual também ele participa.

Mas a questão colocada – a chance de mudar os padrões – refere-se à capacidade de o homem aceitar mudanças no segundo e no terceiro nível. Para os autores, a incrível capacidade humana para adaptar-se às mudanças no segundo nível, demonstrada pela resistência das pessoas em situações mais extremas, ocorre porque não foram violadas as premissas do terceiro nível, a saber, aquelas relativas à sua existência e ao significado do mundo em que vivem. Ou seja, eu aceito morrer (mudança no segundo nível) se minha morte contribuir para o combate ao totalitarismo (não-mudança no terceiro nível). Por isso, acreditam Watzlawick e seus colegas, os homens estão muito mal equipados para enfrentar incongruências que ameaçam suas premissas de terceira ordem, isto é, um mundo que lhes seja carente de sentido. E citam Nietzsche: “quem tem um *porquê* para viver suportará quase qualquer

um *como* viver”, essa citação, não obstante, vai antes na direção contrária ao pragmatismo, à qual nos referimos anteriormente a respeito do vinho e de Heidegger.

A aceitação de mudanças na percepção de terceira ordem, entretanto, é indescartável, especialmente na psicoterapia, que busca exatamente isso: a mudança nos padrões básicos. Isso só será possível a partir de uma quarta ordem de percepção, em que só há vislumbres de percepção. É nesse nível, dizem os autores, que se pode comunicar ou pensar a respeito das premissas de terceira ordem (isto é, saindo delas e alcançando um nível que as possa ver de cima ou de fora). Mas, mesmo assim, eles são cautelosos: o quarto nível está muito próximo dos limites da mente humana e nele raramente a consciência está presente. Trata-se da área da intuição e da empatia, da experiência do “aha”, central em nosso **Princípio da Razão Durante**. Como dizem os autores, essa é a área talvez da percepção imediata proporcionada pelo LSD ou por drogas semelhantes e, certamente, a área onde tem lugar a mudança terapêutica, uma mudança que, após uma terapia bem-sucedida, **resulta impossível dizer como e por que se produziu e em que realmente consiste** (destaques nossos). Essa seria a interface plena com nossa proposta.

Wittgenstein propõe ao místico uma posição que transcende o paradoxo da existência. Na interpretação dos autores, ele nos mostra que só poderíamos saber algo sobre o mundo se pudéssemos situarmo-nos fora dele. A frase do filósofo, de que “a solução do enigma da vida no espaço e no tempo está *fora* do espaço e do tempo”, já sugere que nada dentro de um quadro de referência pode enunciar algo sobre esse mesmo quadro de referência. Num final de livro em que Watzlawick e seus colegas associam Wittgenstein ao budismo zen, quando o filósofo austríaco diz que o enigma da existência não existe, pois mesmo se respondêssemos a todas as possíveis questões científicas, mesmo assim os problemas da vida continuariam intocados, a questão transfere-se automaticamente para o inexprimível. Ele mostra-se a si mesmo.

Do que não podemos falar, diz o filósofo, devemos nos calar, deixemos que ele fale por si, que ele se mostre. Há efetivamente o inexprimível, aquele que a linguagem não atinge pelo fato de ser limitada. **A**

comunicação, assim, deve abranger a linguagem e o inexprimível, essa é nossa tese. O eterno dilema foi reduzir tudo ao mundo fechado do nominalismo lingüístico, campo da terceira ordem, que nos deixa cegos em relação à verdadeira ordem das transformações, em que os pesquisadores citados acreditam possível a mudança dos padrões, possível porque somente ela tem a capacidade efetiva de realização da comunicação.

Referências comentadas

Item 1

Operamos em vários níveis. Sobre os níveis da comunicação verbal, sobre o nível metalingüístico e o nível metacomunicativo, consultar Bateson (1972: 177-178). Resposta como farpa está em Bateson (1972: 178-179; 209). *O caso dos macacos que representam* (idem: 179).

Nos Metálogos, a tese de Bateson de que linguagem é, antes de mais nada, sistema de gestos. Consultar Bateson (1972: 13).

Às vezes, parar de falar diz muito mais do que continuar falando. Aqui também se trata dos *Metálogos*, ver Bateson (idem: 11; 12 [Metálogo 1]). *O exemplo do avião que sai às 6h30* está em Bateson (1972: 367). *O caso dos movimentos cinéticos e paralingüísticos*, a dificuldade com os cegos está em Bateson (1972: 370).

Sobre Isadora Duncan e a imprevisibilidade e intradutibilidade da comunicação, ver Bateson (1972: 31; 32; 137). A crítica a Russell está em Bateson (1972: 418).

As falas digitais são mera ritualização. Consultar, para isso, Bateson (1972: 11).

Sobre os sonhos em Gregory Bateson, ver Bateson (1972: 51; 55; 56 [Metálogo 7]; 150; 151).

Item 2

Esquizofrenia: debilidade na identificação de sinais, consultar Bateson (1972: 194). *Sobre o trauma e a síndrome*, ver Bateson (1972: 215).

Singularidades lingüísticas dos esquizofrênicos, ver Bateson (1972: 235). *Sobre o exemplo do avião* (idem: *ibidem*). *A visita de Bateson à mãe*

do esquizofrênico está em Bateson (1972: 198-199); a visita da mãe ao filho no hospital (idem: 221).

As mensagens da comunicação são como equações matemáticas. Gregory Bateson diz que as mensagens são como equações, que se colocarmos um qualificador ou um multiplicador antes delas, ele vai alterá-las totalmente. Elas são, portanto, elementos dependentes e que variam completamente conforme definição daquilo (ou daquele) que lhes é externo. Isso, evidentemente, põe em xeque qualquer afirmação de verdade em comunicação. Todas as verdades existem, mas nenhuma delas funciona separadamente do agente ou da ação que lhe dá validade. A mentira contada mil vezes torna-se uma verdade, pois o validador a autorizou a isso. Assim, verdade e falsidade perdem qualquer conotação autônoma, variando conforme a qualidade de seu enunciador (conforme o qualificador colocado antes do parêntese da equação); da mesma forma, as discussões entre os casais e entre membros da família não têm nada que ver com o verdadeiro e o falso, o correto e o incorreto, o justo e o injusto. Todas essas categorias variam conforme o acordo ou a imposição daquele que prevalecer no plano das relações. Ver Bateson (1972: 232-233).

Informação: a diferença que faz diferença. A grande revolução provocada pela cibernética foi a transformação da interpretação de processos físicos simplesmente dinâmicos em informacionais, quando se trata de comportamentos. Pode-se dizer que quando uma bola de bilhar bate na outra, o movimento da segunda é energizado pelo da primeira, havendo transferência de energia. Eu posso chutar um cachorro, ele também pode ir parar longe, mas há uma outra reação possível, ele pode se virar e me morder. Ou seja, o cão pode exibir respostas que não foram energizadas pelo meu chute, mas pelo seu próprio metabolismo, pelo processamento interno de sua mente. Daí Bateson deduzir que as idéias podem influenciar acontecimentos. Dito de outra forma: não se pode dizer que o homem tenha medo do leão. O homem só se deixa assustar por idéias, pela idéia que ele faz do leão. Bateson separa aristotelicamente substância de forma. Uma substância – pensemos na primeira lei da termodinâmica, no caso citado da bola de bilhar – não pode invocar nem

diferenças nem idéias, ela só pode referir-se a forças e impactos. Já uma forma – e uma comunicação – não invoca objetos, forças nem impactos, ela apenas invoca diferenças e idéias. Daí extrair ele a máxima que passou a ser repetida insistentemente: *idéia (ou informação) é uma diferença que faz diferença*. A informação, assim, é aquilo que tecnicamente *exclui* certas alternativas, no sentido de ações preventivas ou corretivas por meio da diferenciação. Quer dizer, a diferença entre um estado atual e um ou mais estados imaginados ativa uma resposta corretiva. Ver Bateson (1972: xi; 271-272; 381).

Item 3

Sobre a pragmática da comunicação humana consultar Watzlawick (1967). *Impossível estudar biologia como “sistema fechado”*, conforme Watzlawick e outros (1967: 235).

Folie à deux: “Uma vez que o contrato tácito que vincula ambos os lunáticos está quase resolvido, o problema consiste não só em examinar a influência do insano no homem supostamente são, mas também o oposto, a influência do indivíduo racional sobre o delirante, e mostrar como, através de compromissos mútuos, as diferenças entre eles são eliminadas”. Ver Lasègue, C. & Falret, J. (1877).

É impossível não comunicar: “Atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem não responder a essas comunicações e, portanto, também estão comunicando. Deve ficar claramente entendido que a mera ausência de falar ou de observar não constitui exceção ao que acabamos de dizer”. Tese apresentada em Watzlawick et al. (1967: 45).

Comunicação e esquizofrenia: um problema de interação. Para Watzlawick, a *double bind* converteu-se no padrão predominante da comunicação. Consultar Watzlawick et al. (1967: 194). *Independente da personalidade, a vivência em comum é que é patogênica* (idem: 207). A patologia das relações fica evidente quando os indivíduos são vistos em conjunto com seus “complementos” (idem: 98). O exemplo do convite de um amigo para ficar em casa (idem: 73-74). “Você está errada *porque está discutindo comigo*”, ver Watzlawick et al. (idem: 74). *Mensagens*,

interações, padrões de interação, ver Watzlawick et al. (1967: 46). *Sobre relato e ordem*, consultar idem: 47-48.

Nietzsche e as vontades de poder como origem de tudo na vida. Consultar Nietzsche (1886: 13). *Onde há coisa viva, lá há vontade de poder*: ver Nietzsche (1883), “Auto-superação” (4, 147)]. *E, parafraseando Lutero*, ver Nietzsche, Aurora, 262.

Item 4

Sobre as interações simétrica e complementar, consultar Watzlawick et al. (1967: 62 e ss). As patologias (idem: 96 e ss). *A citação de Arthur Koestler*: “As relações de família pertencem a um plano onde as regras comuns de raciocínio e conduta não se aplicam. São um labirinto de tensões, brigas e reconciliações, cuja lógica é autocontraditória, cuja ética promana de uma confortável selva e cujos valores e critérios são distorcidos como o espaço curvo de um universo contido em si mesmo. É um universo saturado de recordações – mas recordações das quais não são extraídas lições; saturadas de um passado que não fornece orientação para o futuro. Pois, nesse universo, depois de cada crise e conciliação, o tempo sempre recomeça de novo e a história está sempre no ano zero”, em Koestler (1954: 218). *A citação de Martin Buber*, ver Buber (1957: 101-102). *Sobre a desconfirmação e a impermeabilidade*, consultar Watzlawick et al. (1967: 83). *Exemplo: mãe ignorando ou mal-interpretando o filho* (idem: 83).

A exclusão de temas inteiros do diálogo dos casais tem um depoimento interessante em Jackson: “Os casais [...] que podem se empenhar em manobras comportamentais espantosamente variadas, durante o namoro, alcançam uma considerável economia, indubitavelmente, decorrido um certo tempo, em termos do que é passível de discussão e como deve ser discutido. Por conseguinte, eles parecem [...] ter excluído mutuamente vastas áreas do comportamento do seu repertório interacional e nunca mais tergiversam a respeito delas”. Ver Jackson (1965: 13).

Sobre Nietzsche e o casamento: “Deve-se, ao se contrair um casamento, colocar-se a pergunta: Você crê que poderá conversar prazerosamente com esta mulher até a velhice? Tudo o mais é transitório no casamento”. Ver Nietzsche (1878, I: 406).

Item 5

A *retroalimentação*. Consultar: Watzlawick et al. (1967: 27; 115-118). O doente esquizofrênico como fatos de estabilidade em famílias (idem: 28). Os membros da família preferem os males que conhecem (idem: 98). Sobre a homeostase familiar de Jackson (idem: 122). Sobre o casamento compulsório (idem: 125).

O caso *June* está reproduzido em Watzlawick et al. (1967: 129-130). Ver Laing & Esterson (1964: 139-145).

Contra os historicistas, os genéticos, os que operam com causas e profundidades. Consultar Watzlawick et al. (1967: 116). *A oposição a Freud e aos pesquisadores das causas últimas*. Consultar Watzlawick et al. (1947: 40; 41; 193). *A discussão sobre o “ser” do vinho* está no ensaio “A coisa”, em Heidegger (1958: 194-224). Jackson: “o lugar do trauma psicogênico na etiologia parece estar se deslocando das idéias originais de Freud de um único evento traumático para o conceito de trauma repetitivo... Talvez a fase seguinte inclua um estudo da esquizofrenia (ou das esquizofrenias) como uma doença de que a família é portadora [...]”. Ver Jackson (1957: 184).

Sobre as mudanças de 4º nível, consultar Watzlawick et al. (1967: 243).

Referências bibliográficas

- BATESON, G. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2000. [Edição original: 1972].
- BUBER, M. “Distance and relation”, in *Psychiatry*, 20: 97-104, 1957.
- HEIDEGGER, M. *Essais et conférences*. Tradução de André Préau. Paris: Gallimard, 1958.
- JACKSON, D. D. “A Note on the Importance of Trauma in the Genesis of Schizophrenia”, in *Psychiatry*, 20 :181-4, 1957.
- _____. “The study of the family”, in *Family Process*, 42: 1-20, 1965.
- KOESTLER, A., *The Invisible Writing*. Nova York: McMillan, 1954.
- KLAGES, L. “A consciência do sonho” (Das Traumbewußtsein), in *Sämtliche Werke*, vol. 3. Bonn: Bouvier, 1974.

- LAING, R. D. & ESTERSON, A. "Sanity, madness and the family", in *Families of Schizophrenics*, vol. I. Londres: Tavistock Publications, 1964.
- LASÈGUE, C. & FALRET, J. "La folie à deux, ou folie communiquée", in *Annales Médico-Psychologiques*, tomo 18, nov./1877.
- LEE, A. Russell. "Levels of imperviousness in schizophrenic families". Comunicação na Assembléia da Divisão Oeste da American Psychiatric Association. San Francisco, set./1963.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*, in NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1983. [1883]
- . *Para além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. [1886]
- . *Humano, demasiado humano*. Edição inglesa: *Human, All-Too-Human*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. [1878]
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, J. H. & JACKSON, Don D. *Pragmática da comunicação humana. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 1981. [Edição original: 1967.]